



O desrumo do Grande Jacaré Africano...

Quem já leu textos e artigos meus – quer na área académica, quer nos meios comunicacionais clássicos – sabe que designo por Grande Jacaré a República Democrática do Congo (RDC), quer pela sua grandeza territorial, ou pela sua enorme e calada capacidade económica, mineira e multicultural e multi-social, quer, ainda e felizmente para os Estados africanos, pela sua habitual inação política.

Só que esta inação política tem reflexos nas sucessivas crises sociais e para-militares dentro da RDC, com articular destaque, no primeiro caso, na insegurança política que emerge e está, cada vez menos latente e bem visivelmente explosiva, entre o Presidente Felix Tshisekedi e a coligação do antigo Presidente Joseph Kabila Kabangu (ou Kabila Jr.), principalmente desde que Tshisekedi, a 6 de Dezembro de 2020, se decidiu a acabar com a coligação pró-governamental que mantinha com Kabila Jr. e a coligação desse, a Frente Comum do Congo (DW, 7.12.2020), que, na sequência dos acordos com a comunidade internacional, a Igreja e sob os auspícios do Presidente João Lourenço, detinha o cargo de primeiro-ministro. Uma situação que, de certa forma, já tinha sido prevista pelo senador congolês-democrata Édouard Mokolo wa Mpombo (antigo MRE de Mobutu (1985-1986), e – segundo este na sua página de LinkedIn – 1.º vice-presidente do Senado da RDC), em declarações à ANGOP, a 18 de Junho de 2020.

De recordar que a coligação governamental entre o presidencial Rumo à Mudança (Cap pour le Changement – CaCh) e a coligação Frente Comum do Congo (Front commun pour le Congo – FCC) se deveu à necessidade de tornar governável a RDC, após as várias vezes, adiadas eleições legislativas e presidenciais, que o partido de Tshisekedi e estes venceram nas eleições ocorridas no penúltimo dia de 2018.

Só que esta coligação foi dissolvida por Tshisekedi, sob a declaração que a incapacidade de governação, de acordo com “consultas políticas” havidas com forças políticas e representantes da sociedade congolês democrática, havidas em Novembro de 2020, “salientaram, por esmagadora maioria”, que a manutenção da coligação CaCh/FCC estava considerada como “a principal razão para o actual impasse” pelo que deveria ser “rescindido” (DW, 07.12.2020). Tshisekedi, aliando-se a esta premissa, conseguiu obter apoio de diversos importantes membros e deputados da FCC, sob a alegação que muita da crise que (sobrevive) na RDC, e, em particular, em Kinshasa, se deve à incapacidade de Kabila Jr. e do seu aparelho partidário do Partido das Pessoas para a Reconstrução da Democracia (Parti du Peuple pour la Reconstruction et la Démocratie – PPRD) em aceitar bem as dissensões internas, algumas das quais se “aliam” na Aliança das Forças Democráticas do Congo (Alliance des Forces démocratiques de Congo – AFDC-Allié), liderada por Modeste Bahati, um dissidente da FCC.

Acresce que há importantes membros do PPRD, entre eles, Francine Muyumba, ex-presidente da juventude pan-africana, que acusa este partido e Kabila Jr. de estar sob uma “gestão calamitosa” e que o cientista político congolês democrata Alfred Shango Lokoho denuncia, em análise ao site da Deutsche Welle (22.12.2020), de haver mais outras razões, entre elas, o de aceitarem existir “caciques do FCC, eu diria do PPRD, que amordaçaram os outros partidos” que formam a coligação do FCC.

De certa forma, todas estas declarações acaba(ra)m por ser corroboradas por Leila Zerrougui, enviada da ONU à RDC, que, em declarações no Conselho de Segurança, e citada pela TV5Monde (08 Déc 2020), considerou que todas as decisões que levaram à denúncia da coligação CaCh/FCC são descritas como “unilaterais” e “violando gravemente a Constituição pelo partido desta última [coligação governamental], a (FCC) e que a RDC “não pode se permitir uma crise institucional séria”.

Quem esperava que a situação política e social

normalizasse na RDC acaba por constatar que tal cada vez mais parece uma miragem, no que tem reflexos em sectores que, já de si preocupantes, e que parecem aumentar em vez de diminuir a insegurança e a instabilidade nacional congolês-democrata. Dois factores importam sinalizar:

a epidemia do ébola;

a crise político-militar Nalgumas

provincias da RDC.

No que tange ao ébola, pode-se dizer que esta epidemia “está institucionalizada” e, apesar de múltiplos apoios internacionais e descobertas científicas, parece não deixar a RDC e, por extensão, perigar os seus vizinhos, sejam do Norte, Leste e, devido às migrações dos congolês democratas por causa das sucessivas rebeliões internas, do Sul, nomeadamente no Norte e Leste de Angola.

Já quanto às sucessivas crises político-militares, devido às constantes rebeliões que grassam, em particular, nas províncias do Leste – províncias de Ituri, Nord-Kivu e Sud-Kivu, junto à fronteira ugando-



De facto, se analisarmos bem, não é só na RDC que há estranhos e embaraçosos paradoxos...

-ruando- burundiense, onde mais de 130 grupos rebeldes, nacionais e estrangeiros, operam, com particular destaque para os rebeldes das Forças Democráticas Aliadas (ADF-NALU – Forças démocratiques alliées (ADF) e National Army for the Liberation of Uganda (NALU)), oriundas da Uganda, e para as Forças Democráticas para a Libertação do Ruanda (Forces démocratiques de libération du Rwanda – FDLR, essencialmente composta por dissidentes ruandeses hutus anti-tutsis banyamulenge – e Centro-Sul da RDC – províncias de Kasai, Kasai Central e Kasai Oriental, com particular destaque para os rebeldes de Kamuina Nsapu, e de Bana Mura e dos Mai-Mai (ou Mai-Mai Kata (ou Bakata) Katanga, defensores da separação do Shaba/Katanga) –, sem que as Forças Armadas da RDC (FARDC) ou os esforços tentados pela ONU, nomeadamente os levados a efeito pela Missão da Organização das Nações Unidas no Congo (MONUC entre 1999 e 2010) e a Missão de Estabilização da Organização das Nações Unidas (MONUSCO, a partir de 2010 até os dias de hoje) ou os da MOBEKK, criada em 2009, para a Reforma do Setor Segurança (RSS) após o fim oficial dos conflitos, em 2003, com inclusão de ex-membros de grupos rebeldes nas FARDC (GEDES-UNESP, 16/02/2021), tenham conseguido diminuir o forte impacto negativo nas populações destas regiões da RDC.

Ora, um caso acabou por acontecer recentemente (mais concretamente, no passado dia 22 de Fevereiro), junto da localidade de Kibumba, perto de Goma, capital da província do Kivu Norte, quando uma coluna de duas viaturas do Programa Alimentar Mundial (PAM) foi atacada por forças da FDLR, segundo o governo da RDC, provocando a morte do embaixador italiano, na RDC, Luca Attanasio, bem como de um militar italiano, um carabinieri, Vittorio Iacovacci, que o acompanhava (CNN, February 22, 2021 e DW, 22.02.2021). Segundo o PAM, não havia escolta directa da MONUSCO, por a estrada ser considerada segura, o que se estranha quando todas as chancelarias europeias, consideram as províncias do Leste da RDC, excepto a cidade de Goma – e mesmo assim, esta, por vezes, é atacada – como inseguras...

São situações que mantêm o Grande Jacaré, como a seguir explico, num grande desrumo, político, social, militar e económico, paradoxal.

Na realidade, um múltiplo paradoxo: o primeiro, foi alguém considerar haver estradas seguras nas províncias do Leste do Congo Democrático; o segundo o facto da RDC ser exportadora de alguns dos principais minérios que são tão necessários para as novas tecnologias, quer de informação, de comunicação ou da aeronáutica espacial, e que são larga e abertamente explorados e exportados; o terceiro e seguintes, conseguir, manter um proto-Governo nacional e um quadro institucional parlamentar (Senado e Assembleia Nacional) num mosaico multi-cultural e linguístico periclitante e buliçoso. Paradoxal, não é?

Paradoxos a que a RDC nos habituou e que nem a ONU, nem a União Africana, parece conseguir – ou não terão vontade? – em diluir e acabar. Bem apregoam alguns líderes africanos, como o presidente João Lourenço, enquanto líder em exercício da Conferência Internacional para a Região dos Grandes Lagos (CIRGL) o fim das hostilidades na região. Além de João Lourenço ou de Tshisekedi ou do tanziano John Magufuli, outros há que também o fazem, como o ugandês Yoweri Museveni ou o ruandês Paul Kagame, mas que, na realidade, seguem a venha máxima latina de Frei Tomás: faz o que eu digo...

De facto, a RDC, continua a ser um Grande Jacaré a estar – felizmente para Angola e para África – num grande desrumo. Na verdade, é um “felizmente”, infelizmente!

Veremos o que a morte do embaixador italiano pode trazer para o problema congolês democrata. Provavelmente, mais conversa insulsa, mais aplausos para um dos maiores autocratas de África – Paul Kagame –, mais declarações de lamentos, mas... continua manutenção de falta de segurança na área, pedidos de reforços da MONUSCO e entrada de mais militares africanos nas diferentes forças de peacekeeping, peacekeeping e peacebuilding da ONU (sobre estas forças e o que as distingue, ver em: <https://minioniu5anosnucpsua.wordpress.com/intervencoes-militares/os-tipos-de-operacoes-de-paz/>), em África, sejam directamente nos organismos onusianos, sejam, através das African Stand-by Forces (ASF – Forças de Intervenção Rápida da União Africana). Na realidade, muitos Estados Africanos preferem ver a ONU gastar dinheiro e meios com a manutenção de alguns dos seus status quo, do que providenciarem meios próprios para os debelar.

De facto, se analisarmos bem, não é só na RDC que há estranhos e embaraçosos paradoxos...

**Investigador do Centro de Estudos Internacionais do ISCTE-IUL(CEI-IUL) e Investigador-Associado do CINAMIL e Pós-Doutorado da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto*

*** Todos os textos por mim escritos só me responsabilizam a mim e não às entidades a que estou agregado*